

## Olé! – O Belo e Deus

Jean Lauand

Professor Titular FEUSP

Professor do Unifai

**Resumo:** A interjeição espanhola *Olé!* (do árabe *wa-llah*), evoca a Deus como fonte da beleza. E sugere, como na filosofia de Tomás de Aquino, que a beleza é sempre participação no Belo de Deus.

**Palavras Chave:** Beleza. Tomás de Aquino. Estética. Filosofia da Arte.

**Abstract:** The Spanish interjection *Olé* (from the arabic *wa-llah*), evokes God as the source of beauty. And suggests, with Aquinas, that beauty is always participation of the Beauty of God.

**Keywords:** Beauty. Aquinas. Philosophy of Art. Aesthetics.

Naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa o arranca do embotamento quotidiano! “Meu Deus! Quanta beleza...” exclama o poeta (Castro Alves, *Sub Tegmine Fagi*) e com ele – consciente ou inconscientemente – todos os artistas.

Daí que não chegue a surpreender que o significado etimológico da espanholíssima palavra *¡Olé!*, seja um recurso a Deus. *¡Olé!* – diz o *Diccionario de la Real Academia* – provém do árabe *Wa-(a)llah* (“Por Deus!” – a língua árabe não dispõe da vogal “e” e, por vezes, o “a” tem som semelhante a “e”). E é uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou “excessiva” (no verbete *¡Olé!*, o *Diccionario* de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou o do flamenco).

Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um golaço sem ângulo ou de um “*taconeo flamenco*” é – de algum modo misterioso, mas real – participação na criação, também ela artística, de Deus: *¡Olééé!*

O árabe, como se sabe, é campeão mundial de invocação a Deus: *Bismillah!* (Em nome de Deus!), *Al-hamdu lillah!* (O louvor é para Deus! – como nossos jogadores, que, após o gol, apontam o indicador para o Céu), *Wa-llah!* (Por Deus!), *Allahu Akbar!* (Deus é grande! ou Deus é maior!), *Allah!* (Deus!) etc. etc. Ante um perigo, ou após escapar dele, ante uma notícia boa ou má, em qualquer situação invoca-se a Deus.

Por vezes, a mesma fórmula (como por exemplo *Bismillah*) serve para situações contrárias (notícia boa ou ruim, por exemplo, tal como posso dizer em português: “Meu Deus!” tanto se meu bilhete foi sorteado na loteria como se meu carro foi destruído por um maluco na contramão). E ante a beleza (sobretudo se é inesperada ou muito intensa) é a Deus que se celebra: *Allah!*, *Ya Allah!* *Smallah!* (Deus! Ó Deus! Em nome de Deus!) são exclamações quase obrigatórias, por exemplo, quando o camelo se levanta, oferecendo um espetáculo grandioso ao erguer sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca uma interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor... O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, estava aparentemente indolente, largado no solo.

A forma que se arraigou em Espanha foi: *Wa-llah!* O *wa* é a partícula do juramento (cfr. p. ex. Alcorão 6, 23) e de invocação da autoridade de Deus para atestar um fato aparentemente incrível: o de uma espantosa beleza! Na tradição ocidental, já Píndaro, em seu grandioso “Hino a Zeus”, revelara que o belo artístico, as musas, são o remédio que Zeus concedeu para o embotamento do homem, esquecido da origem divina do mundo e imerso em sua visão rotineira.

Como nos inspirados versos de Adélia Prado:

*De vez em quando Deus me tira a poesia.*

*Olho pedra, vejo pedra mesmo.*

Mas o processo artístico é de ida e volta: se Deus dá poesia ao artista para ver (e expressar em obra de arte) o “algo mais” até na pedra, quem contempla a beleza da obra de arte, que se expressa talvez a partir de uma pedra, reconhece Deus, o Criador, o Artista: *¡Oléééé!*

Nesse sentido, há uma antiga poesia de Gilberto Gaspar, que resume - “De uma gota, de repente, vejam só quanta poesia!” - maravilhosamente essas teses:

#### *A Gotinha*

*Já há muito tempo que venho reparando,  
Com interesse observando, como é bela a natureza!  
Cai o sereno e vai formando, de repente,  
Uma gotinha a mostrar tanta beleza.  
Equilibrando-se, ela desceu pelo arame  
E, na folha do inhame, foi cair com o calor.  
Desceu dançando, que bonito o seu bailado  
Pelo Sol iluminado, seu vestido é furta-cor.  
O vento, soprando a folha verde que balança,  
Dá mais ritmo à dança da gotinha cristalina,  
Que rodopia no tapete esverdeado  
Qual palco iluminado, como louca bailarina.  
E chega a tardinha. Cessa o vento, pára a folha.  
A gotinha sem escolha, vai dançar só outro dia.  
E eu, feliz, vou para casa bem contente.  
De uma gota, de repente, vejam só quanta poesia!*

(In: <http://www.hottopos.com/mirand4/osimples.htm>)

Não é de estranhar, portanto, que o grito “*¡olé!*”, aplicado ao espetáculo do futebol, tenha nascido a partir de um “belo inesperado”: em 1958 (a recém-nascida televisão estava apenas começando a integrar-se ao futebol naquela época), no México (não por acaso: no México), num jogo Botafogo x River Plate, base da seleção argentina. A cada incrível drible do incrível Garrincha (o das pernas tortas, que **não** era para ser futebolista) no lateral Vairo, os torcedores mexicanos gritavam *¡olé!*, como se estivessem numa tourada.

Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrileno em *Las Ventas*) não se lembra de que *Olé!* é invocação de Deus, no *Quijote* isto é mais explícito – o cristão começa a louvar a insuperável beleza de sua dama e ouve do *moro*:

*Gualá, cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad.* (capítulo XLI)

As relações entre Deus, a beleza e a arte foram retomadas por João Paulo II em sua *Carta aos Artistas* (1999), rica também em reflexões filosóficas. Já na primeira linha, uma dedicatória, chama a obra de arte de “epifania”, manifestação, da beleza, de Deus. E começa falando da criação artística – e não se trata de arte sacra – como participação do divino:

*(Vós, artistas) maravilhados com o arcano poder dos sons e das palavras, das cores e das formas, vos pusestes a admirar a obra nascida do vosso gênio artístico, quase **sentindo o eco** daquele mistério da criação a que Deus, único criador de todas as coisas, de algum modo vos quis associar. (...) como sublinhava o Cardeal Nicolau de Cusa: “A arte criativa, que a alma tem a sorte de albergar, não se identifica com aquela arte por essência que é própria de Deus, mas constitui apenas comunicação e **participação dela**”.*

Participação, que é participação também no bem e no ser. Assim, não é de estranhar que a Filosofia da Arte de S. Tomás de Aquino – como aliás todo o seu pensamento – repouse sobre esse conceito fundamental: o de participação (*participatio*). Participar, em sentido transcendente, é **ter** em oposição a **ser**; participa, o que **tem** algo pelo contato com o que **é**. O metal, compara Tomás, **tem** calor na medida em que se aproxima, participa, do calor que **é** no fogo.

A Criação é o ato no qual é dado o ser em participação. Portanto, tudo que é, é bom; participa do Bem. Nesse enquadramento, situa-se uma sentença de Tomás que é uma das chaves principais para sua Filosofia da Arte:

*Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva" (De Malo 5, 1 ad 5).*

Daí também uma outra intuição da língua espanhola: ao provar algo muito gostoso, exclama-se: *¡Sabe a gloria!*, “tem gosto de céu”. Ora, no pensamento de Tomás, a contemplação – também a propiciada pela arte – é a forma mais profunda de “consecução de um bem criado”, prefiguração da Glória definitiva. Tais considerações, que expressam o núcleo profundo de um pensamento filosófico, estão também ao alcance da intuição do conhecimento comum. Por isso, não chega a ser de todo surpreendente o depoimento, imensamente profundo, de Tom Jobim sobre a criação artística, em uma entrevista, quando foi contemplado nos EUA com a mais alta distinção com que pode ser premiado um compositor, o *Hall of Fame*:

*Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até **participar** dela quando faz um samba de manhã. Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã.*

*¡¡Olééé!!!*

Recebido para publicação em 01-11-09; aceito em 18-11-09